

Gênese e convergências no movimento do Fórum Social Italiano

Por José Luiz Del Roio*

O espaço italiano se apresenta com uma extrema fragmentação cultural e política. A própria orografia ajudou este fenômeno. Cortada por montanhas altas e ásperas, é pontilhada de reentrâncias e vales isolados. A costa se apresenta extensa, acidentada, repleta de antros, cercada de uma coroa de ilhas. As inúmeras invasões que se sucederam durante séculos, criaram aglomerados humanos diversificados, que se refletem até hoje na forma de falar, desenhando um arco-íris de dialetos e línguas.

Dividida em dezenas de entidades políticas surge como Estado apenas em 1861, mas completa sua unificação em 1918.

O desenvolvimento capitalista industrial, concentrado na Lombardia Piemonte, acrescentou ainda mais estas dessemelhanças, marginalizando amplas áreas, principalmente ao sul. Uma das suas conseqüências foi a emigração de 25 milhões de pessoas das regiões meridionais e do nordeste, a partir de 1876.

Teve a desgraça de ser berço do fascismo (1919) que contaminou grande parte da Europa por um quarto de século, sendo fonte de agressão e guerra contra povos inermes. Somente a Resistência armada ao nazi-fascismo (1943-1945) e a constituição republicana que nasceu em decorrência, deu dignidade e legitimidade ao novo Estado. Este documento-magno tem dois pontos chaves, muito amado pelo movimento do Fórum Social. No artigo 1 se declara antifascista e baseada sobre o trabalho e no 11 afirma que “L’Itália repudia a guerra ...como instrumento de resolução das controvérsias internacionais”.

Desenvolveram-se no após guerra, partidos de massas como a Democracia Cristã, Partido Comunista (o mais forte do ocidente) e Partido Socialista. E também poderosas centrais sindicais como a Confederazione Generale Italiana



del Lavoro, CGIL (comunista, socialista); Confederazione Italiana dei Sindacati dei Lavoratori, CISL (católica) e Unione Italiana dei Lavoratori, UIL (laica).

O contexto da guerra fria, que fez da Itália uma terra de fronteira. Congelou os relações sociais e políticas e por quase 50 anos colocou no governo, a democracia cristã como centro de um sistema de alianças e o PCI a oposição.

Movimentos sociais como o de 68/69 tentaram remexer esta situação, com a criação de vários grupos a esquerda do PCI. Em 1977, ativou-se uma nova ondata, esta vez mais juvenil e intelectual, e menos operária. Mas se exauriu por falta de perspectivas sofrendo, também, a repressão contra uma luta armada (Brigadas Vermelhas, Prima Linea, etc.) que se realizou fora do contexto social e da realidade histórica.

A crise do bloco socialista e a dissolução da União Soviética, soprou como um vendaval na política italiana. O PCI decide por uma transformação social-democrática e muda seu nome para Partito dei Democratici di Sinistra, em 1991. Suas novas direções começavam a adaptar-se para participar da estrutura do Império em construção. Uma parte minoritária resiste e se constitui como Partito della Rifondazione Comunista.

* Intelectual y activista italo-brasileño del Puntorosso-Forum Mundial de las Alternativas.

As grandes centrais sindicais se esforçam para conseguir uma duradoura harmonia com o capital. O gelo caiu sobre os movimentos sociais, que iniciam sua hibernação. Enquanto isso no mundo político tudo se agita. O desaparecimento do PCI como tal, termina por romper o equilíbrio que se mantinha a quase cinquenta anos e os outros partidos, que pareciam vitoriosos entram em crise. Uma forte operação de juizes, conhecida como “mãos limpas”, desagrega os partidos clássicos.

Na recomposição partidária que se segue, é instaurado o sistema eleitoral majoritário, que representava um golpe feroz a democracia. Depois de um interregno rápido de governo de direita sobre a égide do novo líder Silvio Berlusconi, o centro-esquerda vence as eleições em 1996.

Se abre um período de políticas vacilantes onde à algumas medidas progressistas seguem muitas outras neo-liberais e chegamos ao governo de Massimo D'Alema.

As ilusões eram grandes pois se esperava muito de um primeiro ministro que advinha das filas do velho PCI. Será um dos expoentes da terceira via, que pretende uma globalização com traços humanos. Porém as portas ao domínio do império e do liberalismo mais selvagem se escancaravam. Acelerou-se o processo de privatizações, os golpes contra os direitos dos trabalhadores, a restrição de espaços democráticos.

O dado mais claro deste processo, foi a declaração da “guerra humanitária” contra a República da Iugoslávia, em de 1999. Este conflito, fundamental na construção de um domínio planetário da parte dos USA, contou com o apoio entusiasmado do gabinete D'Alema. O direito internacional era conspurcado e a constituição italiana violada no seu artigo 11.

Para conduzir a guerra contra a Iugoslávia, o espaço italiano se apresentava fundamental. As bases militares da OTAN, pontilham seu território e dali partiam as levadas consecutivas de aviões, que iam bombardear a população da Sérvia. Com execução da oposição de Rifondazione Comunista e poucas outras forças, o apoio ou o silêncio da maioria, eram consistentes.

E foi aqui que começou a nascer o movimento.

Surgiram comitês contra a guerra a partir de realidades menores. Agrupavam centro sociais, bases sindicais, alguns

grupos católicos das quais se pode citar Pax Christi e Beati Construttori di Pace, Associações culturais, redações de revistas como Guerra e Pace e AlternativeEuropa, agrupamentos femininos, sensibilidades ecologistas, algumas Ongs, objetores de consciência... Em poucas semanas, dezenas de cidades contavam com comitês, que reuniam centenas de pequenas organizações. Diariamente se realizavam demonstrações, algumas que chegaram a mais de 100.000 pessoas.

Naqueles dias trágicos, começou um processo fundamental. Áreas praticamente incomunicáveis, separadas por anos de sectarismo e incompreensões abriam canais de discussão e floresciam as primeiras convergências sobre o caráter da esquerda social-democrática, dos objetivos da guerra, e da profundidade da devastação das políticas neo-liberais.

Terminada a hecatombe, os diversos comitês continuaram a viver, tentando encontrar caminhos para poder incidir sobre a realidade. Porém balanço era desolador. Pulverizados nos localismos, sem contatos e apoios no campo institucional, isolados dos sindicatos, desligados de outros grupos alternativos da Europa, com raros intelectuais e teóricos, o caminho se demonstrava árduo.

O conceito que animava estes embriões era de “resistir e insistir”. Havia uma sensação difusa que o encontro de Seattle em novembro de 1999, seria algo importante, tanto é que uma delegação italiana participou dos acontecimentos naquela localidade estadunidense.

Poucos dias depois realizou-se em Milão, convocada pela Associazione Culturale Punto Rosso-Forum Mondiale delle Alternative, uma participada assembléia, com os delegados que voltavam de Seattle, uma série de representantes de grupos locais e convidados internacionais. A solene declaração final empenhava a todos na luta contra a globalização neo-liberal e a guerra. Aderiram setores da maior central sindical, a CGIL e da Federazione Italiana dei Operai Metalmeccanici, FIOM. O movimento havia dado mais um pequeno passo.

Outras convergências apareceram. Alguns centros sociais do nordeste e do norte, sofreram uma forte influência do zapatismo. Visto como uma variante de rebelismo e invisibilidade para opor-se ao poder. Pois o homem do pós-fordismo, ao mesmo tempo que como

“Outras convergências apareceram. Alguns centros sociais do nordeste e do norte, sofreram uma forte influência do zapatismo. Visto como uma variante de rebelismo e invisibilidade para opor-se ao poder”

indivíduo representa a massa, não é mais visível para o sistema. Fundia-se com sugestões das teorias de Toni Negri. A forma física de expressão configurou-se em vestir-se com “tutte bianche”, quase como se fossem fantasmas.

Uma outra criação original foi a da rede de Liliput, relembrando a obra do escritor irlandês J. Swift. Ora se a Itália, apresenta uma dispersão de pequenas organizações, estes minúsculos anões devem colocar-se em rede, sem hierarquia, contando apenas com nós, (*nudos*) em diversas localidades. Esta rede deve ter como objetivo ser sempre mais estreita e densa, para neutralizar o gigante Gulliver, que representa a globalização.

É vista pela imprensa como uma organização católica, pois possui um líder moral, que é o Padre Alex Zanotelli. Embora conte com inúmeras realidades de base católicas e se estenda também dentro de paróquias, muitos espaços são cobertos por elementos que tem sua origem na esquerda alternativa histórica.

Maio de 2000. O movimento estava se apertando para a sua primeira prova. Em Gênova –localidade predestinada a ter seu nome interligada de forma indissolúvel ao movimento– se

realizou Feira de MobiliTebbio. Ou seja de novas tecnologias. Diversas multinacionais eram representadas. Dezenas de milhares de pessoas se apresentaram nas suas portas para impedir a entrada dos operadores e dos visitantes. Aconteceram os primeiros choques com forças policiais. A grande imprensa descobriu que algo estava acontecendo e desde daquele momento começou o seu trabalho denegridor.

A convocação do Fórum Social em Porto Alegre, para janeiro de 2001, tornou-se rapidamente um ponto de consenso entre as variadas articulações. Centenas de assembléias locais prepararam a delegação que deveria ir ao Brasil. No final se apresentaram mais de 300 delegados ao Fórum. Foi um momento chave, pois muitos núcleos sofriam de um profundo provincialismo, olhando apenas para seu território. A palavra de ordem “Pensar globalmente e agir localmente” e “Outro mundo é possível” foi brandida aos quatro ventos. Milhares de pessoas, principalmente jovens acorriam ao movimento. Mais uma vez a especificidade italiana se impôs.

Surgiram quase trezentos Social Fórum de cidades. Nas maiores urbes este processo foi difícil ou impossível, graças a divisões do passado. Mas nas de reduzida expressão populacional, transformaram-se no eixo da agregação social.





12

Foi a fase da inocência. Muitos nunca haviam participado de lutas políticas, a violência intrínseca do sistema era totalmente desconhecida. Parecia que bastaria a boa vontade e tudo mudaria. O preço a pagar para apreender foi alto.

No documento final dos movimentos sociais aprovado em Porto Alegre I, assinalava ao movimento italiano um empenho íngreme. Desmascarar a reunião do G7, ou seja, o encontro dos governantes das sete maiores potências capitalistas do planeta, que formam uma espécie de diretório da globalização neo-liberista, no qual, em alguns momentos se agrega a Rússia, transformando-se em G8. Este encontro aconteceria em julho na cidade de Gênova.

O movimento italiano lançou-se a tarefa com orgulho e uma certa dose de irresponsabilidade. Já haviam acontecido as repressões de Seattle, Praga, Quebec, Gotemburgo, que poderiam sugerir o que aconteceria em Gênova.

Existia ainda a ilusão que um governo de centro-esquerda não chegaria a tanto.

Nápoles, foi a sede de uma reunião de ministros do G8, durante o mês de Março –para preparar o vértice de Gênova. O movimento resolveu fazer uma prova geral e contestar o encontro. Uma das componentes presentes era a rede non-global del Sud. Constituída principalmente de

centros sociais. Ao contrario do Norte, onde em geral, estas agregações apresentam uma certa consistência, na área meridional apresentam-se como micro-centros, com ampla difusão no território. O quadro social é mais precário, com tantos desempregados, problema da casa, onde quarteirões urbanos são gravemente degradados, crime organizado como a Máfia e a Camorra, falta de perspectivas aos jovens. É um caldo de cultura para uma maior radicalização.

Foi uma verdadeira armadilha. Dezenas de milhares de manifestantes isolados na zona portuária, sem caminhos para a fuga, foram massacrados por uma força policial preparada e violenta como não havia precedentes na história recente.

A partir deste momento a imprensa e governo começaram sua campanha terrorista. Foi decidida a criação de uma zona vermelha, proibida a todos no centro de Gênova, foram instaladas baterias anti-mísseis, centros contra ataques bacteriológicos e químicos, submarinos, mobilizados os serviços de informações europeus e dos USA e todas outras porcarias, que a mente fértil e perversa dos aparatos repressivos do império conseguiam imaginar.

Mais de 1500 organizações italianas e européias, haviam assinado o documento onde se empenhavam a construir as demonstrações pacíficas anti G8.

Ficou decidido que esta estrutura seria realizada através de assembléias abertas, onde tentaria chegar a resultados por consenso. A dispersão de forças e o número de horas das reuniões foram imensas. Mas com o tempo começou a coagular um núcleo bastante representativo. Dois eram os organismos principais: o Conselho de Porta-vozes e o Direct Accion Network, uma experiência já usada em Seattle e que tinha como objetivo preparar as praças temáticas e as passeatas. Cito apenas algumas das associações que tiveram um papel determinante.

Federazione Italiana degli Operai Metalmeccanici - FIOM. De tradição histórica ligada ao comunismo e ao socialismo, mesmo que reduzida em peso, pelo processo de desindustrialização, conta ainda com uma força notável, agrupando 800.000 inscritos.

Comitê Genoves contra o G8. Formada pelas realidades sociais da cidade de Gênova, foi peça chave para a infraestrutura.

ARCI - Associazione Recreativa Culturale Italiana. Nascida depois da II guerra, ligada ao PCI, para o tempo livre. Depois da guerra da Iugoslávia afastou-se dos Democráticos di Sinistra. Conta com três milhões de associados, embora apenas uma pequena parte se dedique ao movimento social.

Sindicatos de Base. Os principais foram o COBAS (Comitati di Base), CUB (Comitati Unitari di Base), Sin-Cobas (Sindacato Intercategoriale di Base). Todos eles embora com fortes atritos e divergências entre si, possuem uma matriz anti-capitalista.

A já citada rede de Liliput

Giovani Comunisti, ligado a Rifondazione Comunista

Partito della Rifondazione Comunista

ATTAC - Rede internacional para tratar sobretudo da análise e denúncia dos fluxos financeiros. Era ainda em formação nos acontecimentos de Gênova.

CIS - Consorcio Italiano di solidarietà. Congrega uma série de ONGs, de tendência de esquerda.

Associazione Culturale Punto Rosso - Forum Mondiale delle Alternative. Uma rede de grupos de cultura que parte do do FMA. De orientação marxista.

Algumas semanas antes do vértice G8, realizaram-se as eleições políticas. Desgastadas as forças da terceira via saíram derrotadas e assumiu o governo uma coalizão liderada pelo grande empresário Silvio Berlusconi, que se caracteriza por ser o mais a direita na União Européia

Os acontecimentos dos dias 24 a 27 julho de 2000 em Gênova são bastante conhecidos. Um vórtice de repressão, violência, covardia, provocações. Centenas de presos, milhares de feridos e um jovem ativista –Carlo Giuliani– assassinado.

A espiral repressiva foi detida, somente pelo motivo de que centenas de milhares de pessoas saíram as ruas nos dias seguintes, em todas as mais importantes cidades.

Apesar de tudo, o movimento havia conseguido alguns significativos avanços. Setores partidários do DS, áreas amplas da CGIL, várias administrações de cidades e regiões abriam um diálogo.

O movimento dos fóruns sociais se consolidou como um sujeito político. Mas continuaram os problemas de organização. Não se chegava a um acordo para ter um mínimo de coordenação, as estruturas criadas para Gênova se dissolveram. Não restava do que continuar com assembleias abertas e com o consenso. Difícil encontrar o equilíbrio entre organizações nacionais, realidade dos fóruns territoriais Alguns grupos se transformaram. Como no caso das “tutte bianche”, que num processo de autocritica chegaram a uma plataforma de trabalho comum com os jovens comunistas, criando a área dos “disobbedienti”.

Uma série de ações, ininterrupto, se impuseram no plano nacional e local, contra a repressão, denúncia de planos de guerra, defesa dos imigrados, contra atos arbitrários do novo executivo de Roma.

Assim chegou o tempo da segunda Porto Alegre. A delegação italiana rivalizava com a argentina, como número de participantes. Quase mil componentes. E mais uma vez este conclave assinalou ao movimento itálico um compito complexo. Realizar o primeiro Fórum Social Europeu, no governo mais hostil da Comunidade Européia.

Não tudo pode ser só obstáculos. A força do movimento, a vontade voraz do neo-liberismo em destruir direitos, modificou as posições da CGIL. Esta confederação saiu da sua postura moderada e, mesmo com vacilações, aproximou-se de importantes posições do movimento, como a contraposição a guerra e a defesa dos direitos.

No dia 23 de março de 2002, os sindicatos, com a participação do movimento, realizou talvez a maior manifestação na história da Europa ocidental: três milhões de pessoas.

As condições para o êxito do Fórum Social Europeu estavam consolidadas.

Graças a uma forte colaboração da Região Toscana, foi escolhida Firenze como sede. Tratava-se agora de superar sempre o mesmo problema. Se o movimento não possui estruturas hierárquicas, nem centro de direção, como montar um evento tanto articulado. Através de assembleias sucessivas acabaram nascendo três grupos de trabalho: Organização - Programa e Ampliação das Redes. Substancialmente, as mesmas organizações e até, os mesmos indivíduos que tiveram o processo de Gênova nas mãos, foram os que levaram a criação do FSE.

Mas não bastava, agora, discutir e encontrar soluções entre os grupos italianos. Era necessário ir até os outros países europeus e encontrar novas redes. E tantas outras reuniões se sucederam, em uma série impressionante, Estocolmo, Salonica, Bruxelas, Barcelona....

O FSE em escala Européia acabou tendo uma feição parecida com a (des) organização italiana. Assembleias, criações de grupos temporários, convergências através do consenso.

Por semanas, o assunto mais importante nos meios de comunicação italiano foi o FSE. Novas previsões de destruição do patrimônio artístico florentino, apelo ao comércio para fechar as portas, campanha de intimidação, provocações de serviços secretos e tudo o mais conhecido.

O movimento havia amadurecido e soube responder bem. Ampliando sua base de apoio e simpatia, trabalhando com os cidadãos da cidade que deveria hospedar o fórum, elaborando contra-informação. O sucesso foi inimaginável, mesmo para os mais otimistas. Os delegados que pagaram cota de inscrição chegaram a quase 60.000 e na primeira passeata unitária do movimento europeu, contra a guerra, a participação chegou perto do milhão.

Entre os muitas observações que podem serem feitas sobre o Fórum de Florença, destaco apenas três.

- a) Milhares de jovens aproximaram-se de uma nova idéia de construção europeia, sendo profundamente críticos aos rumos atuais. Sem retórica, pode-se afirmar que se abriram caminhos para uma Europa diversa.
- b) Consolidou-se a participação dos trabalhadores no movimento social.
- c) O fórum e a manifestação exprimiram uma forte componente anti-capitalista.

Mas o movimento não teve tempo de regozijar-se com o êxito. Dias depois, dezenas de ativistas foram arrancados de suas casas e encarcerados. Abriam-se novos processos e realizaram-se novas manifestações e manteve-se a unidade de todas as correntes de pensamento.

As perspectivas são alvissareiras, e a programação de trabalho impressionante. O 2003, traz no seu bojo, como ponto central a luta contra a guerra, principalmente na

região médio-oriental. Além disso deveria dar seu esforço para a realização do Fórum Mundial da Água, do Fórum do Mediterrâneo e do próximo Fórum Europeu. Depois existem as batalhas diárias contra as leis repressivas contra o imigrantes, pelos direitos trabalhistas, contra as privatizações e tantos outros aspectos.

Fato importante é que durante o segundo semestre a Itália será o país que deveria dirigir a União Europeia e ao mesmo tempo será aprovado a Convenção dos Direitos. Primeiro passo para a escritura da Constituição Europeia. Será necessário um grande esforço para influir, pelo menos em alguns aspectos neste fundamental documento.

O movimento italiano continua a passar por uma fase expansiva, mas apresenta ainda problemas sérios. Faltam revistas e grupos de estudos que possam elaborar uma teoria forte. Sua organização é muito fluida e débil. E não é claro como será a relação com as instituições e a política eleitoral. Fato este que se apresentará com toda a sua urgência em 2004, quando se realizarão as eleições ao Parlamento Europeu e em uma série de cidades, províncias e regiões importantes.

Porém, não pode ser negado o fato que o movimento italiano é um destacamento importante na construção do Fórum Social Mundial.

